

Autor: Franklin MAXADO

A BELA HISTÓRIA DE JACI, a prostituta virgem e santa



Nossa vida, minha gente
É cheia de contradições
As vezes, o que se vê
Em muitas situações
Não é a realidade
São apenas ilusões

Aqui conto um caso desses
Como enganam as aparências
Uma moça que ninguém diz
Olhando suas vivências
Seja virgem e muito santa
Apesar de experiências

Jaci era uma dessas
Mulheres fáceis da vida
Adotou a profissão
Passando-se por perdida
Para poder sobreviver
Sem depender de acolhida

Feita esta explicação
Vamos contar sua estória
Feita com muito amor
Da derrota fez vitória
E nisso está seu louvor
Na conduta meritória

Morava sua família
No distante Piauí
Um casebre de sopapo
Era morada de Jaci
Quase não tinha comida
Vivia mais de piqui

Seus pais eram bem pobres
Viviam como agregados
O fazendeiro não deixava
Eles fazerem roçados
Pois as terras de caatinga
Eram sô para os seus gados

3
Os dois caboclos seus pais
Eram bastantes doentes
Sô tiveram essa filha
Isolados dos parentes
Davam a ela afeição
Compensando os bens carentes

Jaci cresceu sempre assim
Jã tinha onze anos
Quando uma seca danada
Torrou todos aqueles planos
Acabando os mantimentos
E trazendo desenganos

O seu pai não resistiu
E morreu sem de comer
A viúva então ficou
Num perrengue de doer
E para se sair dele
Pensou a filha vender

Não tanto para comer
Mas pelo futuro dela
Pois já era crescidinha
Breve seria donzela
Naquela situação
Ia apanhar como concela

Como diz que "a precisão
É quem obriga ladrão"
Sua mãe então decide
Ir vendê-la ao mangangão
Coronel Zeca Tadeu
Da fazenda Consansão

Esse coronel era rico
E dono de tudo ali
Se quisesse então podia
Muito bem criar Jaci
Mas o que ele queria
Eu vou já dizer aqui

4

Sua mãe não disse nada
Quase até não chorou
No enterro do marido
Depois dele arrumou
Os seus troços numa trouxa
E para a vila rumou

Sô disse a Jaci que ia
Embora desse lugar
Iria para a cidade
E lá iam trabalhar
Não queria nem mais ver
Ou da casinha falar

Jaci como boa filha
Foi na sua companhia
Inocente do destino
Feito à sua revelia
Caminharam esfomeadas
Tendo a sede como guia

Dormiram pelo relento
Ouvindo onças urrarem
Vendo as corujas da noite
Cruzando na frente a piarem
Como que se estivessem
O seu futuro a agourarem

Até que então chegaram
 À varanda da mansão
 Do seo coronel Tadeu
 Que estava no oitão
 Deitado em sua rede
 Bebendo suco de limão

A mãe nem se descansou
 E mal colocou o volume
 Humildemente lhe pediu
 Num tom de voz de queixume
 Pra falar particular
 Dum assunto que veio a lume

Seo Tadeu esbravejou
 Foi dizendo que "se era
 Comida, ele não tinha
 Pois estava na espera
 Das chuvas para salvar
 O seu gado da tapera"

A mãe lhe tranquilizou
 Que não era isso não
 Queria vender a filha
 Pra sair da aflição
 O coronel então mandou
 Dar-lhe um saco de feijão

Aí se voltou pra filha
 Mas não disse que a vendeu
 Apenas que ela iria
 Morar com o seo Tadeu
 Respeitasse as suas ordens
 E Jaci compreendeu

Logo que a entregou
 Retirou-se comovida
 Deu-lhe a dor do remorso
 Se lamentando da vida
 Lhe veio uma tal pontada
 Que caiu desfalecida

Quando ela caiu, a saca
 De feijão caiu por cima
 Jaci soube da verdade
 E logo se desanima
 E com o feijão pagou
 O enterro por estima

Ficou Jaci só no mundo
 Vivendo na casa grande
 Com o passadio melhor
 Mesmo tendo quem lhe mande
 Foi-lhe chegando as carnes
 Vestidas em traje dande

Jaci cresceu mais um pouco
 Se tornou uma mocinha
 De corpo muito bem feita
 Uma cara bonitinha
 Todos ali a notavam
 Era uma belezinha

Os homens e os rapazes
 Lhe desejavam amor
 Mas ela se respeitava
 E guardava o seu pudor
 Porisso não declaravam
 Temiam pelo senhor

O coronel começou
 A lhe olhar indecente
 A lhe comer com os olhos
 Como em bote de serpente
 Olhava as suas formas
 Passava a língua no dente

Até quando aproveitou
 A esposa ter saído
 Foi de noite ao seu quarto
 Já quase todo despido
 Mandou que Jaci abrisse
 A porta pra ser servido

Jaci perguntou o que era
 Ele lhe disse que queria
 Lhe dar umas lições
 Com bastante calma
 Porém falava nervoso
 E Jaci já desconfia

Jaci já acostumada
 Com o seu sofrimento
 Se vestiu e abriu a porta
 Mas teve um pressentimento
 Deixou a janela aberta
 Se vendo o firmamento

O coronel a agarrou
 Pelo braço e cintura
 Encostou seu corpo ao dela
 E lhe disse com grossura:
 -Se você não aceitar
 Verá o que é vida dura

Jaci disse: está bem!
 Deixe fechar a janela
 Pois pode alguém nos ver
 E sem cair na esparrela
 O coronel no seu fogo
 Confiou no dizer dela

Ela mais do que depressa
 Pulou ligeiro e fugiu
 Correu tanto como louca
 Virou trevas e sumiu
 Na noite afora e adentro
 E assim escapou

Vamos deixar a Jaci
 Correndo esbaforida
 Vamos tratar do patrão
 Que ficou fulo da vida
 Pensou logo em se vestir
 E ir atrás da perdida

Mas tinha que ir pegar
 Animal no meio do pasto
 Para alcançar a moça
 Ou ir atrás no seu rastro
 Assim pensou duas vezes
 Antes de fazer o gasto:

-Ela vai ter que voltar
 E se não voltar jamais
 Mando um cabra dos meus
 Na confiança ir atrás
 Trazer na marra ou então
 Não a deixar viver mais

-Pois não fica bem prá mim
 Ir atrás de meninota
 O povo vai falar muito
 Eu entro numa patota
 Ela vai ter de voltar
 Pois a comprei pela cota

Vamos deixar o seo Zeca
 Na espera do resultado
 Pois mandou um jagunço
 Nesse caso encarregado
 Vamos ver o que se deu
 E de Jaci o estado

Ruão era esse jagunço
 E gostava de mulher
 Não fumava e não bebia
 Conhecia o seu mister
 Porisso encontrou Jaci
 Dançando num cabaré

Jaci dançava mexendo
 Mostrando as coxas de fora
 Estava muito bonita
 Verdadeira sedutora
 O jagunço se mostrou
 E a Jaci apavora

Ela conheceu seu rosto
 Quis escapar mas Ruão
 A agarrou pelo braço
 Diz: Não me tema não
 Porque se você deixar
 Esqueço a obrigação

Mas se você não quiser
 Vou matá-la ou levar
 Pro coronel desumano
 Que está a desejar
 Ter você de todo jeito
 Para seu prazer gozar

Jaci não vendo saída
 Disse-lhe então que deixava
 Satisfazia com tudo
 Só uma coisa respeitava
 Pois jurou que se perdesse
 Aí então se matava

Ruão na louca paixão
 Aceitou sua jogada
 Recebeu os seus carinhos
 E no auge da gozada
 Tentou até profanar
 A sua entrada sagrada

Mas Jaci já escolada
 Se saiu e se negou
 Fez a coisa com tal jeito
 Que o bruto amansou
 Entretanto no momento
 Por um instante a forçou

Passou uns dias assim
 Até que Jaci lhe disse:
 -Você deve voltar dizendo
 Que não houve quem me visse
 Eu vou seguir adiante
 E é melhor você ir-se

-Eu guardo o seu segredo
 E você guarda o meu
 É melhor para nós dois
 Pois se o coronel Tadeu
 Souber o que se passou
 Mata tu e mata eu

Ruão bem compreendeu
 Voltou para a fazenda
 Convenceu o coronel
 Que tinha perdido a prenda
 Pois Jaci deve ter ido
 Viver longe da contenda

Ficou Jaci viajando
 E sofrendo em boate
 Com a ilusão de ter
 Algum dia quem lhe trate
 O seu encantado príncipe
 Por quem seu coração bate

Não vou descrever o que
 Fazia ou de que vivia
 Pro leitor que tem pudor
 Só vou dizer que fazia
 Outras coisas que o homem
 Tem o gozo da alegria

Uma coisa nunca fez
 Foi deixar um homem entrar
 Pela entrada sagrada
 Do seu corpo rosálgar
 Isso ela jurou pra si
 Que só depois de casar

Nem mesmo quando até teve
 Paixão pelo viajante
 Este até lhe bateu
 Quando era seu amante
 Não casou e lhe deixou
 Na sua vida errante

Desiludida, Jaci
 Tornou-se quase uma santa
 Conservando a virgindade,
 A pureza que acalanta
 Deu então para cantar
 Assim seus males espanta

Ficando com mais idade
 Começou a criar filhos
 Das colegas de infortúnio
 Frutos desses descaminhos
 Procurava lhes dar vida
 Com lições e carinhos

Dava o amor que não teve
 Infância que não viveu
 Sofria para fazê-los rir
 Até que afinal morreu
 Sem profanar virgindade
 Por ela muito sofreu

E todos lhe respeitavam
 Comparavam à Virgem Maria
 Que é a mãe de Jesus Cristo
 Padeceu com agonia
 Pois "os bons são os que sofrem"
 Se diz com sabedoria

13

Faléceu virgem e pura
Quase santa sem pecado
Porque o que fez na vida
Deus deve ter perdoado
Não o fez pelo escândalo
Ou mal intencionado

Três dias depois de morta
Aos guris apareceu
Vestida num chambre alvo
Um halo resplandeceu
Clareou todo ambiente
A casinha estremeceu

Mas ela acalmou dizendo:
- Eu não os abandonei
E estarei sempre aqui
Com vocês, eu viverei
Procurem fazer por si
Que de fora ajudarei

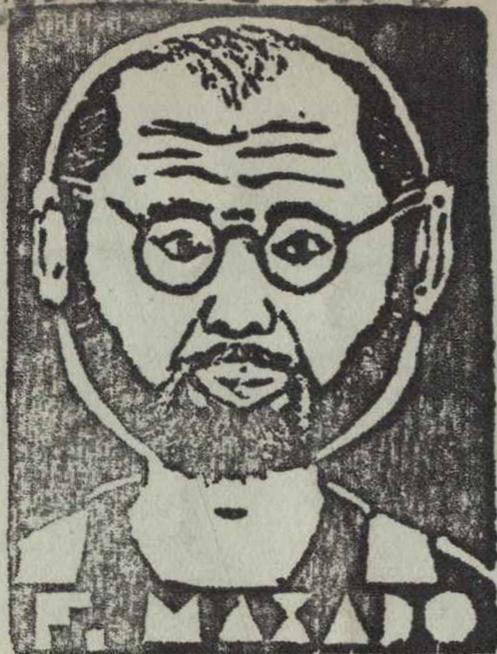
Porisso todos ali
A devotam como santa
Têm conseguido milagres
Quem da vida desencanta
Termino assim essa estória
Que este poeta canta

M-aria também pecou
A-mando seu São José
X-orou pelo filho amado
A-dorou a Deus com fê
D-eixou lição prá Jaci
O exemplo pra mulher
Rio de Janeiro, dezembro de 1978.

608

27.03.80
delação de Marcelo

608. [2. ed.] - vari. 4 - ex. 2



A QUEM INTERESSAR POSSA:

Este poeta (Franklin MAXADO) já publicou mais de 50 folhetos (alguns esgotados) desde 1975, quando entrou na Literatura de Cordel, lançado por Rodolfo C. Cavalcante. É baiano de Feira de Santana e viaja muito pelo Brasil, domiciliado em São Paulo, onde tem banca na Feira de Arte da Praça da República, aos domingos. É também compositor de música popular brasileira especialmente nordestina, fazendo xilogravuras, palestras sobre Literatura de Cordel e Folclore, além de apresentar Cantoria de Viola e Forró e vender folhetos de outros colegas poetas.

Rua Augusta, 1.524 - loja 55
Tel. 289-8725 São Paulo - SP.